

### Memória e recepção crítica: a literatura barretiana em perspectiva

Elder Bruno Fernandes Pereira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: eldergbi@gmail.com

Marcello Moreira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

651

**Palavras-chave:** Recepção crítica. Sedimentação da memória. Literatura barretiana

### INTRODUÇÃO

As análises de recepções críticas de textos literários e a subsequente sedimentação de suas memórias passam por diferentes filtros. Daí nosso interesse em problematizar os aspectos sobre como a narrativa ficta barretiana tendeu, e ainda tende, a fomentar diferentes representações e sentidos frente ao complexo movimento em que se dá a recepção crítica. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é construir um percurso reflexivo, marcado pelas premissas da Estética da Recepção proposta por Jauss (1994), no trato com a sedimentação da memória e o papel do leitor na construção de sentidos.

É importante ressaltar que o contexto no qual Lima Barreto escreveu suas obras, no final do século XIX e início do XX, foi um momento de grande efervescência no caldo cultural brasileiro. Elementos desse cenário aparentemente serviram de inspiração para sua criação artística, e é aqui que a cautela serve como prescrição para a produção de análises e reflexões. Acontece que o referido autor, pobre, negro e suburbano, construiu narrativas ficcionais, pelo viés da verossimilhança, que problematizavam, em forma de denúncia, a estruturação de uma cultura excludente e estereotipada, principalmente para com os pobres, negros e suburbanos.

Ao que parece, a singularidade de sua estética corroborou para a formação de uma recepção crítica que, não raro, rotulou Lima Barreto como um autor "ressentido". Contudo, partindo do pressuposto de que a ficção não espelha a realidade e que uma

**Realização:**



**Apoio:**



abordagem ficcional de elementos do cotidiano não converte a narrativa em uma autobiografia, argumentamos que as construções de sentidos, formadas na dinâmica da recepção crítica, ecoam em um complexo movimento de conjunturas simbólico-representacionais que fazem do leitor um coautor dos textos.

## METODOLOGIA

Para analisar os elementos que compõem a recepção crítica barretiana ao longo do tempo, seguimos as contribuições dos estudos de Jauss (1994), que defendem a ideia de que o leitor ocupa um lugar de importância na construção de sentidos das obras literárias. O referido crítico literário seguiu o caminho da hermenêutica ao buscar resgatar a tradição aristotélica na abordagem da estética da recepção. Ele propõe a inferência das três categorias fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, que devem nortear a teorização da arte (Lima, 1979, p. 22).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando uma obra literária utiliza elementos do real como engrenagens para a construção de sua ficção, ela tende a ser permeada por questões comuns relacionadas a costumes, memórias e simbologias correlacionadas dentro de um recorte sócio-histórico. Essa dimensão confere a ela uma verossimilhança que atua diretamente na construção de sentidos em relação à sua recepção crítica. Os elementos aparentemente insignificantes na narrativa literária promovem o que Barthes (2004, p. 183) descreve como o "efeito de real". Essa teoria possibilita um efeito ilusório de referência que se baseia na cosmovisão do leitor, atuando na sua construção de sentidos por meio do movimento da recepção crítica. A cautela recairá na premissa de que, embora possa haver evidentes aproximações com fatos históricos, uma obra literária não descreve a realidade empiricamente.

Nesse sentido, as obras de Lima Barreto não devem ser encaradas como documentos históricos ou fontes referenciais que reflitam uma realidade sociocultural tal como foi. A ideia é encará-las como construções representacionais de uma ordem complexa da dimensão da experiência humana. O que destacamos é a questão da relevância de considerar as práticas e representações como questões centrais para ampliar o entendimento dos objetos culturais da sociedade. Conforme descrito por Chartier (1998,

**Realização:**



**Apoio:**



p. 16-17), o objetivo é "identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".

Ademais, é com a premissa de que o leitor não ocupa um lugar de passividade que direcionamos nossos passos. Afinal, é preciso reconhecer que cada leitor possui um conjunto próprio de experiências, conhecimentos e valores simbólicos que moldam sua relação com o mundo de maneira singular e única. Esses elementos fazem com que o leitor formule uma adaptação de sentido a partir dos elementos simbólicos que são seus. Ao colocar o leitor como elemento ativo no processo de análise de sentidos construído a partir da recepção de uma obra literária, talvez seja possível pensar a relação entre a literatura barretiana com as memórias que a evocam e a atualizam.

Segundo Jauss (1994), o movimento da construção de sentidos em uma recepção crítica “cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao vivenciar a obra” (Jauss, 1994, p. 26). Nesse intrincado movimento, as experiências vividas pelo leitor geram uma expectativa estética para com a recepção do texto. Esse horizonte de expectativas pode ser rompido, ou não, dependendo do que se espera do texto e dos efeitos que ele gera no leitor. Mesmo que haja uma ruptura quanto à expectativa, uma nova experiência estética é estabelecida. Esse jogo de rupturas advém novas criações, e essa é a dialética pulsante da manutenção e renovação.

Tendo como foco a literatura barretiana em sua perspectiva sincrônica, é sensato dizer que ela subverteu o que era tido como estética canônica em seu tempo por contradizer os estereótipos raciais. O autor problematizou a condição dos negros, mestiços, pobres e suburbanos de maneira crítica, construindo uma ficção formada por uma visão autêntica e multifacetada da vida desses personagens. O contexto histórico em que Lima Barreto escreveu, permeado pela ideologia racista, torna ainda mais relevante sua abordagem destas questões. A maioria de suas obras desafia estereótipos e revela as contradições e desafios enfrentados por personagens em um Brasil marcado pela desigualdade social.

Lima Barreto se apropria e subverte a representação social da memória concernente aos negros para fundamentar seu projeto literário, de modo que as vozes de seus protagonistas estão inseridas em uma narrativa de denúncia e enfrentamento ao

**Realização:**



**Apoio:**



racismo. Alguns elementos podem ser facilmente identificados em suas obras, tais como: a postura combativa de personagens afrodescendentes contra a cultura racista; a relação dialética dos espaços urbanos, notadamente a interação entre o centro e os subúrbios; uma linguagem construída através do filtro da cultura popular e não bacharelesca; uma predominância de protagonistas negros e mestiços; a representação de uma memória do subalternizado; conflitos étnicos, e tantos outros aspectos que perpassam a história da jovem república brasileira (Schwarcz, 2017). A esse respeito, Vasconcellos (1999, p. 14) nos diz que:

Como ficcionista, Lima Barreto especializou-se na pintura dos humildes, a gente do povo, a classe dos funcionários espezinhadados, os mestiços, os suburbanos, e (...) que o situam entre os maiores ficcionistas de veia popular e social (...). Lima Barreto escreveu a melhor das utopias literárias entre nós, que é esta em que o humor e a sátira se juntam numa linguagem bastante comum e, por isso mesmo, capaz de grandes analogias críticas.

Lima Barreto seguiu por um caminho disruptivo em seu tempo ao colocar os afrodescendentes como personagens complexos e não objetificados em uma época em que vigorava o racismo institucional. É seguro dizer que boa parte da recepção crítica barretiana converge com a ideia de que suas obras dialogam com elementos sociais e têm por base o encontro do ficcional com o cotidiano dos subúrbios e a desconstrução dos estereótipos raciais. Por conta dessas características, em certo sentido, o romancista transcende as fronteiras literárias para uma configuração de crítica social e política. Essa singularidade em suas obras tem o potencial de contrapor os dogmas e cânones da cultura vigentes no Brasil de sua época, especialmente no que diz respeito ao preconceito racial.

Do ponto de vista diacrônico, no que diz respeito à duração de sua recepção, relativo ao período entre sua publicação até o momento em que seus efeitos se mostram latentes, percebemos que ela é inovadora e autêntica. Ao buscarmos as conexões e articulações entre a história particular da literatura barretiana e a história geral dos acontecimentos, percebemos que ela agiu significativamente sobre o cenário cultural brasileiro. A sedimentação da memória decorrente da duração dos sentidos de suas recepções críticas lhe garantiu o reconhecimento de que sua estética rompeu paradigmas do tido como canônico em sua época, contribuindo para o avanço de novas perspectivas representacionais separadas de vieses estereotipados.

**Realização:**



**Apoio:**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estética barretiana traz elementos que tendem a convidar os leitores a percorrer as cidades, ainda que fictícias, demonstrando a vida para além das estruturas urbanísticas e dos indivíduos caricaturados por estereótipos representacionais ligados ao racismo. É nesse terreno que Lima Barreto cultiva sua narrativa: o de afrontar às perspectivas excludentes e subverter os rótulos artificialmente criados para categorizar hierarquicamente os indivíduos. Lima Barreto foi um escritor autêntico que rompeu com o projeto estilístico literário canônico de seu tempo. Ao dialogar ficcionalmente com elementos culturais de seu entorno de maneira não estereotipada, o escritor carioca reveste sua narrativa com verossimilhança e plausibilidade, tendo, portanto, a potencialidade de construir conexões com a memória social.

655

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1998.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, L. C. **A literatura e o leitor; textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCHWARCZ, L. **Lima Barreto - Triste visionário**. Brasil, Companhia das Letras, 2017.

VASCONCELLOS, E. **Entre a agulha e a Canela: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

Realização:



Apoio:

